

MULHER E ASSISTÊNCIA SOCIAL NA AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA: “PELO BEM DO BRASIL!”

Renata Duarte **Simões** – USP

Agência Financiadora: FAPESP

No Brasil, entre o final do século XIX e o início do século XX, período em que o País foi governado pelas oligarquias dos Estados mais ricos, especialmente São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, a cafeicultura tornou-se o principal setor da economia, gerando lucros que foram parcialmente aplicados nas cidades. O crescimento econômico nesses Estados favoreceu a industrialização, a expansão das atividades comerciais e o aumento acelerado da população urbana, engrossada pela chegada dos imigrantes desde o final do século XIX.¹

As transformações que se deram na paisagem urbana foram acompanhadas por inúmeros problemas sociais. Baixos salários, precárias condições de vida, grande frequência de moléstias, fruto da desnutrição e da insalubridade, elevada taxa de mortalidade e péssimas condições de moradia retratavam a condição do trabalhador e davam uma ideia sobre a base da acumulação de capital no Brasil.²

Nas cidades em desenvolvimento, onde a preocupação com o reordenamento voltava-se fundamentalmente para a solução dos problemas da moradia, do saneamento básico, das epidemias e das doenças, a mulher da chamada classe média ocupou destacado papel de intervenção assistencialista junto às famílias carentes, auxiliando na formação de uma consciência sanitária. Tal aspecto trouxe novas oportunidades para as mulheres na esfera pública e possibilitou uma maior visibilidade feminina em espaços antes de exclusividade masculina, mesmo que enfrentando críticas e reações frente às tradições e ao conservadorismo predominante.

Diante dos problemas sociais do período, a Ação Integralista Brasileira (AIB), principal partido de extrema direita do Brasil na década de 1930, não ficou inerte e mobilizou as mulheres inscritas em suas fileiras para atuar em *prol* da higienização e da educação sanitária de militantes e simpatizantes em meio aos discursos assistencialistas em voga no período.

A AIB, que obteve o registro de partido político junto ao Superior Tribunal de Justiça Eleitoral, foi fundada no dia 7 de outubro de 1932, sob forte sentimento nacionalista. Organizado por Plínio Salgado, eleito Chefe Nacional perpétuo e supremo, o integralismo

¹ BERTOLLI FILHO, 1996.

² LINHARES, 1990.

expandiu-se rapidamente contando, em 1937, com mais de um milhão de adeptos distribuídos em Núcleos organizados em todo território nacional.³

O discurso integralista se propagou de modo surpreendente e angariou adeptos em diferentes classes sociais, o que possibilitou que a AIB criasse escolas; fundasse ambulatórios e lactários; elegesse vereadores, prefeitos e deputados integralistas, atuando nos meios políticos como partido; que elaborasse, através de seus militantes, inúmeras obras doutrinárias; que criasse cursos de enfermagem, puericultura, educação física, entre outros; que promovesse inúmeras reuniões doutrinárias, passeatas, congressos, seminários e eventos que tornaram públicos sua popularidade e alcance doutrinário.

A AIB difundia a imagem de um movimento preocupado com a população e com os problemas sociais do País. O integralista, além dos deveres para com a Pátria e o *Sigma*, que iriam até o sacrifício da própria vida, teria o dever de prestar assistência e socorro a todos os brasileiros. Para levar a cabo seus propósitos de conquistar novos adeptos e educar seus quadros, inclusive por intermédio da caridade e beneficência, o movimento não poupou esforços e atuava com vigor nos centros beneficentes, ambulatórios e lactários por intermédio da mulher militante.

Compreendendo a nova posição social que a mulher assumia e sua presença mais marcante no espaço público, o integralismo aproveitou para direcionar a “energia feminina” para as atividades de assistência social, educação e saúde, além do trabalho de arregimentação e doutrinação de jovens e crianças. Estaria a mulher incumbida de auxiliar e prestar assistência às companheiras militantes e a quem mais comparecesse aos núcleos integralistas.

Nesse sentido, considerando a expressividade da AIB no cenário político da época, o estudo que por ora se apresenta, buscou analisar as atividades assistencialistas atribuídas às mulheres inscritas nas fileiras do movimento, assim como os intentos incutidos nessas atividades.

O recorte temporal adotado, que se estende de 1932 a 1937, justifica-se por ser, 1932, o ano de fundação da Ação Integralista Brasileira e, 1937, o ano de extinção da AIB. No início do Governo ditatorial de Getúlio Vargas, em 1937, todos os partidos políticos foram suprimidos, juntamente com eles a AIB, o que demandou uma readaptação das suas funções, levando-a a se transformar em sociedade civil com a denominação de Associação Brasileira de Cultura. Como ABC, funcionou até 1938 quando foi supostamente extinta, já que

³ Não há documentações de cunho historiográfico em relação ao número de filiados na AIB, dessa forma, seguiu-se a contabilidade oficial do movimento, divulgada no jornal *Monitor integralista*, mesmo sabendo da dificuldade historiográfica em adotar como base analítica o discurso oficial de uma doutrina política.

prosseguiu funcionando na ilegalidade, e seus líderes foram enviados para o exílio.

Foram analisados, fundamentalmente, os números dos jornais *A Offensiva* e *Monitor Integralista*, periódicos doutrinários e prescritivos do movimento. A opção por essas fontes deve-se a grande quantidade de artigos, seções e colunas veiculadas nesses impressos sobre a obra assistencialista da AIB. Ao todo, foram selecionados 16 artigos de *A Offensiva* e 5 do jornal *Monitor Integralista*. Esse material, além das notas soltas pelos jornais e das imagens fotocopiadas das revistas integralistas *Anauê* e *Brasil Feminino*, compõe o conjunto documental interpretativo empregado nesta pesquisa e, ainda que um ou outro texto tenha sido utilizado de modo menos direto, cada um deles tornou-se essencial para compreensão sobre as atividades assistencialistas desenvolvidas pelas militantes no período. Por fim, a utilização de artigos veiculados pela *Enciclopédia Integralista*, compêndio de textos doutrinários elaborados por elementos de destaque no movimento, e o uso das teses e dissertações produzidas por pesquisadores interessados pelo integralismo auxiliaram a fundamentar o estudo.

A presença feminina na AIB e as atividades assistencialistas

As mulheres inscritas na AIB eram chamadas de “blusas-verdes” em alusão ao uso do uniforme constituído por blusa de meia-manga de cor verde. Essa vestimenta deveria ser utilizada pela militante em aparições públicas, desfiles, reuniões, batizados, casamentos e outros eventos integralistas ou não-integralistas, sendo seu uso obrigatório em solenidades do movimento.

No integralismo, a mulher deveria agir, segundo preceitos do movimento, pela palavra, pelo trabalho e pelo exemplo:



Brasil Feminino n. 35. maio 1937.

Pela palavra – doutrinando, esclarecendo os espíritos, não só em cursos, conferências, artigos e livros, senão também nas palestras ao meio social em que vive;

Pelo trabalho – exercendo os cargos que lhe tocarem, com amor, sendo pontuais, ativas, desenvolvendo as faculdades da iniciativa, de invenção, respeitando e fazendo respeitar a disciplina; não se apegando aos cargos, porém sempre agindo com abnegação e modéstia;

Pelo exemplo – vivendo uma vida de acordo com a doutrina que pregam: a vida da virtude, do sacrifício, da renúncia, das mortificações voluntárias; a

vida austera, nobre, elevada, simples, inatacável; a vida sem mentiras, sem artificios, sem vaidades tolas; a vida bela pela bondade e pelo espiritualismo.⁴

A presença oficial feminina na AIB, na qualidade de membros efetivos, foi definida institucionalmente a partir do Regimento da Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina e dos Plinianos (SNAFP), aprovado em 10 de agosto de 1936, obedecendo aos princípios hierárquicos da agremiação.⁵

Nota-se que a Secretaria era chefiada por mulheres e que a posse dos cargos era comemorada em reuniões solenes e divulgada nos jornais integralistas que enfatizavam a “[...] nobreza de caráter da mulher integralista, sendo ela a mais indicada para organizar e chefiar o trabalho das companheiras blusas-verdes”.⁶ A SNAFP compreendia dois Departamentos: Feminino e dos Plinianos. De acordo com o regimento da SNAFP, o Departamento Nacional Feminino tinha por objetivo “[...] orientar, dirigir, controlar e arregimentar as atividades Femininas no Movimento”.⁷

O Departamento Nacional Feminino era composto por cinco Divisões: “Expediente, Cultura Physica, Educação, Estudos e Ação Social”. As atividades assistencialistas desenvolvidas pelas mulheres na AIB eram coordenadas pela Divisão de Ação Social, que tinha por finalidade “[...] prestar assistência e proteção assídua às integralistas e simpatizantes, assim como a todas as classes sociais, agindo especialmente nos meios proletários, dentro do campo de suas atribuições”.⁸

Era de competência dessa Divisão, por meio dos setores Lactários, Bandeirantes e Dispensários, “aplicar no terreno social as atividades das integralistas, contribuindo assim de maneira eficiente e constante para o melhoramento material e moral das condições de vida da família brasileira”.⁹

As integralistas operavam no setor da educação sanitária e da medicina preventiva, contribuindo para o aprofundamento do debate entre os médicos e sanitaristas do período. Por intermédio da SNAFP, elas organizavam núcleos de atividades públicas ligadas à prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e outras.

⁴ CRUZ, Celia Gomes. A revolução moral da mulher no Integralismo. *A Offensiva*, 24 jan. 1937, p. 15.

⁵ HENRIQUES, Irene de Freitas. Regimento da Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina e dos Plinianos. Regulamento, art. 1º. *Enciclopédia do integralismo*. Rio de Janeiro: Livraria Brasileira, 1959. v. IX. p. 168-174.

⁶ *Ibidem*, p. 168.

⁷ *Ibidem*, p. 170.

⁸ Secretaria Nacional de Organização Política – Departamento feminino: Cap. IV das divisões. *Monitor Integralista*, anno II, n. 8, p. 9, dez. 1934.

⁹ *Ibidem*, IV- Das Divisões - Divisão de Ação Social, art. 11º, p. 173.

A Divisão de Ação Social, segundo Estatutos expostos no jornal *Monitor Integralista* de dezembro de 1934, compreendia as Seções Escolar, Técnica, Médica e Bandeirantes da Caridade, sendo cada uma delas responsável pela sua própria instalação e funcionamento.

A Seção Escolar era responsável por “manter o quadro de professoras e distribuí-las pelas escolas que a AIB [fosse] criando”.¹⁰ O integralismo, desde seu nascedouro, atribuiu à mulher a função de educadora e forjadora de caráter, discurso permanentemente vinculado ao movimento que se utilizava ordenadamente das senhoras e moças inscritas, encaminhando-as principalmente para os setores educacionais.

À mulher, mais do que a ninguém cabe a tarefa de educadora; e também por isso é que ela possui delicadeza, carinho, intuição, paciência, minúcia de observação e de trabalho, qualidades imprescindíveis a uma educadora. É imenso o campo que nos é aberto no sentido da educação. Companheiras, nele teremos um futuro cheio de trabalho e de sacrifícios... Sacrifícios que faremos com um sorriso pelo bem de todas as crianças desta imensa terra brasileira.¹¹

O “lícito e necessário” era que a mulher exercesse função social e política na defesa dos fundamentos da família cristã, devendo ser a sua ação social eminentemente educadora, tomando contato com as massas populares, escutando os anseios dos “[...] desafortunados e dos injustiçados” (SALGADO, 1955, v. VIII, p. 270).

À Seção Técnica cabia, entre outras funções, “[...] organizar visitas, excursões e bandeiras, ministrando ao povo conhecimentos técnicos de higiene, de alimentação, de preservação da saúde etc”.¹² À seção Médica competia “organizar cursos especializados de enfermagem”; “prestar os primeiros socorros médicos, injeções etc”.¹³ À Seção de Bandeirantes da Caridade cabia “organizar visitas domiciliares aos pobres da AIB, levando-lhes periodicamente sua assistência”; “organizar visitas a hospitais, casas de saúde e asilos”; “visitar fábricas, centros femininos, companhias, estabelecimentos comerciais e repartições públicas, assistindo a mulher que trabalha e indagando de suas necessidades e aspirações”.¹⁴

Os Estatutos apontam que Divisão de Ação Social deveria manter estreita ligação com o Departamento Nacional Feminino, enviando-lhe relatórios sobre as atividades desempenhadas pelas “blusas-verdes” e respeitando suas determinações, assim como prestar-lhe apoio ou dele se utilizar, quando necessário.

Dentre as áreas nas quais as atividades sociais eram realizadas pelo movimento, a

¹⁰ *Monitor Integralista*, ano II, n. 8, p. 4, 1934.

¹¹ A mulher e a educação. *A Offensiva*, 6 set. 1934, p. 2.

¹² *Ibidem*.

¹³ *Ibidem*.

¹⁴ *Ibidem*.

maternidade recebia uma atenção muito especial, visto que representava o lugar da evolução e da preservação da família, considerada pela AIB um dos sustentáculos sociais. Portanto, uma das mais relevantes tarefas desempenhadas pelas integralistas na Divisão de Ação Social, assim como nos ambulatórios e lactários que dela dependiam, era orientar a mulher sobre a higiene, a saúde do corpo e os cuidados que deveria ter com o marido e filhos.

Contudo, o cuidado com a criança não se restringiria ao seio familiar. Cabia à militante integralista preocupar-se com as crianças pobres e desamparadas, crianças cujos pais não pudessem ou se dispusessem a orientar. Cabia, ainda, que desempenhassem papel social na educação e orientação de mulheres pobres gestantes, atuando em lactários onde acompanhavam o período de gestação e os primeiros meses de nascimento do bebê, aconselhando as mães sobre o resguardo com o recém-nascido. Elas alertavam a respeito da importância do diagnóstico precoce de moléstias e dos cuidados com a alimentação para a saúde da mulher e da criança. Também falavam sobre a necessidade da amamentação.

Com intuito de bem orientar e formar os próprios filhos e os filhos das “companheiras blusas-verdes” e não integralistas que procurassem os núcleos, a militante deveria se instruir “nos preceitos ditados pela higiene e puericultura”, pois “no dia em que pelo menos a maioria das mães tiver conhecimento destas matérias, reduzir-se-ão ao mínimo as doenças e conseqüentemente a mortalidade infantil”.¹⁵ Os dirigentes da SNAFP argumentavam que

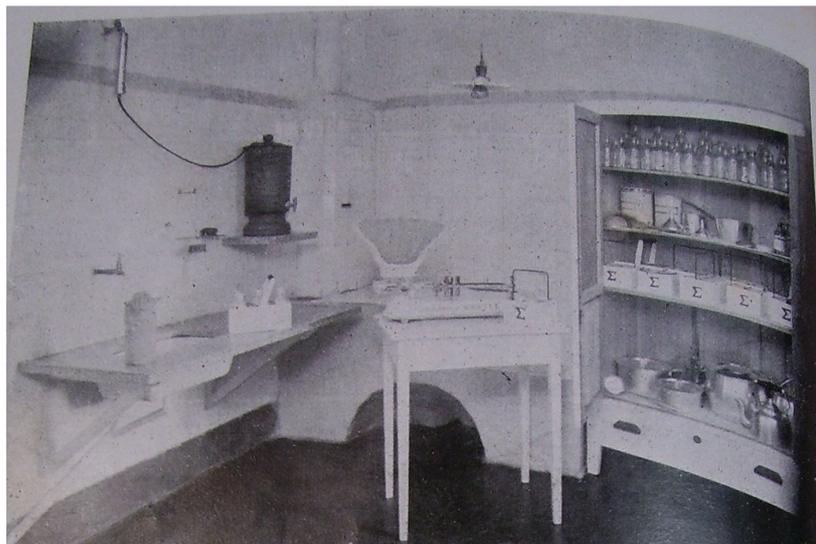
A higiene e a puericultura indicam as regras para a racionalização da alimentação. [...] As mães devem conhecer os livros existentes sobre estes assuntos, bem como frequentar os Departamentos de Higiene Infantil para receber instruções necessárias. Assim procedendo diminuem as possibilidades de erro e concorrem para a criação de filhos fortes e belos.¹⁶

Para atender as mães e filhos integralistas, assim como as simpatizantes, a AIB instalou, “em quase todos os núcleos do Brasil”,¹⁷ ambulatórios e lactários. O núcleo de Botucatu, em São Paulo, divulgou, na revista *Anauê*, de abril de 1937, uma foto de seu lactário que, segundo a legenda abaixo da imagem, “[atendia] diariamente a centenas de crianças necessitadas” e que se constituía “não apenas como posto de distribuição de leite, mas em centro irradiador de educação dietética”.

¹⁵ A higiene e as doenças na infância. *A Offensiva*, 9 jan. 1937, p. 5.

¹⁶ *Ibidem*.

¹⁷ *Anauê*, abr. 1937, p. 27.



Anauê, abr. 1937, p. 27.

Nos lactários, os medicamentos e instrumentos eram demarcados pela emblemática letra grega *Sigma* (Σ) – sinal simbólico do movimento integralista –, fato que evidencia um aspecto propagandístico do serviço prestado pelos núcleos da AIB. Naqueles espaços, as atividades eram desenvolvidas predominantemente por mulheres.

Os serviços de assistência social prestados pela AIB eram mantidos pelo próprio movimento sem auxílio do Estado – “os camisas-verdes já trabalham positivamente pelo Brasil prestando ao povo muitos serviços que o governo não pode dar por deficiência do Estado Liberal”¹⁸ – e atendiam a todos os brasileiros necessitados, aspectos que os jornais integralistas faziam questão de destacar: “No núcleo de Andaraí, o consultório médico instalado atende, num dia, perto de 30 pessoas sem lhes indagar a cor política. Há ainda que constatar que no movimento do *Sigma* tudo é a custa dos integralistas”.¹⁹

As mulheres integralistas não eram somente convidadas, mas convocadas a participar dos eventos e campanhas organizadas pela AIB para “auxílio dos pobres”. Contudo, compreendia-se que a adesão feminina a essas atividades deveria ser de iniciativa da mulher, pois seria dela o “grande desejo de provar às suas companheiras menos favorecidas a sua solidariedade”. Na fundação dos lactários, nos ambulatórios, nas escolas e hospitais, “já tem ela provado como é sincero o seu desejo e a preocupação com os necessitados, o que vem confirmar como é verdadeira essa solidariedade”.²⁰

Em 28 de janeiro de 1936, “uma sessão solene” realizada no Theatro São Pedro, em Porto Alegre, festejou o resultado de uma campanha de caridade levada a cabo pelas “blusas-

¹⁸ *A Offensiva*, 14 jun. 1936, p. 13.

¹⁹ *A Offensiva*, 20 mar. 1936, p. 9.

²⁰ *A Offensiva*, 30 nov. 1935, p. 4.

verdes” para “[...] angariar donativos entre firmas comerciais e bancárias, para a compra de gêneros e roupas”, o que possibilitou o atendimento “a cerca de 200 famílias pobres”. Na ocasião, um discurso proclamado por Fernandinho Moura Filho e direcionado fundamentalmente à mulher destacou que “os soldados do *Sigma*, desde a fundação dos primeiros núcleos da AIB, [...] são obrigados, dentro de suas posses, a trabalhar no sentido de mitigar tanto quanto possível as necessidades dos que sofrem as angústias da sorte”.²¹

Em meio aos cuidados com as mães e filhos necessitados e “desorientados”, outra preocupação constante entre as militantes era evitar a disseminação de duas doenças que muito matavam no período: o câncer e a tuberculose. Nesse sentido, o espaço da rua era sempre caracterizado como inóspito e perigoso para as futuras mães e para as jovens senhoras, por ser um local em que circulavam essas e muitas outras doenças que ameaçavam não apenas os adultos, mas também as crianças, que “poderiam ficar marcadas para sempre”.

O contágio por tuberculose, segundo dados de *A Offensiva* de 13 de novembro de 1936, página 15, aumentava 33% ao ano entre mulheres de 15 a 33 anos que exerciam algum ofício. Esse contágio seria “motivado” pelo emprego crescente do trabalho feminino, acarretando “menos resistência orgânica e vida mal organizada”; e pela “ignorância completa de noções de higiene, promiscuidades das casas de cômodos, favelas onde os tuberculosos vivem no mesmo quarto com outros membros da família”. O jornal ainda apresenta outro argumento para disseminação da doença: “o horror do pobre pelo hospital, só aceitando, quase forçado, quando não há mais probabilidade de cura”.²²

Para além do tratamento, o discurso integralista propagava a profilaxia dos males que atingiam a sociedade no período, principalmente a parcela infanto-juvenil, recorrendo às mães para evitar a disseminação de doenças: “tratar da tuberculose não basta, é preciso impedir que venha a atingir o organismo debilitado. Multipliquemos os lactários, os ambulatórios e ensinemos às mães moças noções de hygiene, puericultura, alimentares”.²³ Do mesmo modo, “[...] se a intervenção consegue curar o câncer já muito desenvolvido, com maior razão no começo”.²⁴

Pelas atividades cívicas que desenvolviam, as militantes recebiam constantes elogios dos dirigentes integralistas que se manifestavam nos jornais do movimento, especialmente em relação às práticas promovidas no campo político e social pelas “bandeirantes”, mulheres que percorriam o interior dos Estados para orientar outras. Suas atividades eram diariamente

²¹ Assistência Social. *A Offensiva*, 16 fev. 1936, p. 13.

²² *A Offensiva*, 13 nov. 1936, p. 15.

²³ *Ibidem*.

²⁴ Academia Nacional de Medicina. *A Offensiva*, 27 nov. 1936, p. 5.

noticiadas tanto pelos canais de propaganda do movimento como por outros periódicos da época. A ideia da cidadã politicamente atuante era bastante divulgada pela organização.

A Seção Feminina de Bandeirantes, parte integrante do Departamento Feminino, destacou-se nos trabalhos assistencialistas aos pobres, recolhendo e distribuindo roupas, alimentos, brinquedos e convocando, por meio de jornais e revistas, o auxílio de brasileiros para realização dessas atividades. Bazares e almoços beneficentes eram constantemente promovidos em *prol* dessas causas, que para além de prestar auxílio, funcionavam como forma de divulgar o integralismo e sua doutrina nos lugares mais longínquos.²⁵

O Departamento Nacional Feminino promovia também exposições de trabalhos artesanais com a finalidade de angariar fundos para auxiliar as crianças carentes e “provar o carinho [por elas], vestindo a rica para ajudar a pobrezinha”, “provar às companheiras menos favorecidas a solidariedade da mulher integralista”, pois utilizava as horas de seu descanso para ajudar o próximo.²⁶

Com intuito de convocar as integralistas cariocas para que, “com sua boa vontade”, auxiliassem as mulheres, sobretudo as moradoras do bairro de Copacabana e Botafogo, fazendo assim a “obra de misericórdia e de patriotismo”, aconselhando e educando suas “irmãs”, *A Offensiva* do dia 6 de julho de 1935, p. 4, publicou uma nota redigida por Marietta Kendall. Na nota, a autora solicitava às mulheres da Província da Guanabara que trabalhassem na caridade, que se juntassem nas atividades nos lactários, ambulatórios, que promovessem o recolhimento de roupas e brinquedos a serem distribuídos aos mais carentes, como o fizeram as “blusas-verdes” do núcleo da Tijuca.



Distribuição de brinquedos- Núcleo Tijuca. *A Offensiva*, 6 jul. 1935, p. 4.

Como prestigiado pelo jornal, a obra feminina assistencialista estaria se realizando, assim, no sentido sublime de auxílio aos mais necessitados. Em Copacabana, o gesto se repetiu sob o patrocínio do mesmo Departamento que também visitou a Casa de Correção,

²⁵ *A Offensiva*, ano I, n. 31, p. 7, 13 dez. 1934.

²⁶ KENDALL, Marietta. Exposição de trabalhos do Departamento Feminino. *A Offensiva*, ano II, n. 81, p. 4, 30 nov. 1935.

indo “todas as companheiras”, devidamente uniformizadas, prestar “socorro” aos desafortunados.

Também para o campo da enfermagem a AIB direcionou as mulheres integrantes de suas fileiras, auxiliando o próximo nos cuidados com a saúde. O integralismo compreendia que, no exercício da enfermagem, os atributos considerados intrínsecos à natureza feminina eram valorizados, tornando-se indispensáveis à prestação de um cuidado que era, ao mesmo tempo, técnico e abnegado. Assim, a profissão de enfermeira foi entendida como uma extensão do papel da mulher no recesso do lar, atividade que a mulher desenvolveria em *prol* da formação e desenvolvimento da Nação:

Sendo o Integralismo um movimento que visa dentre suas múltiplas cogitações, construir uma raça forte, à mulher integralista cumpre interessar-se pelo problema da enfermagem tão mal compreendida em nosso país. Os conhecimentos de higiene pré-natal, puericultura, etc. constituem fatores precípuos para a eugenia dos povos. E a mulher integralista que vai contribuir, grandemente, para construir uma nação forte, sadia, não pode prescindir desses conhecimentos.²⁷

No dia 5 de outubro de 1935, *A Offensiva* divulgou a inauguração da primeira Escola de Enfermeiras da AIB, sendo tal feito comemorado com uma reunião solene realizada no dia 3 do mesmo mês. A reunião, ocorrida na Província da Guanabara, de acordo com o impresso, estava repleta de jovens e mulheres integralistas. Na cerimônia, foram enaltecidos os esforços empregados pela mulher para a inauguração da escola, assim como seu espírito de perseverança e realização que “[...] estão acima de quaisquer comentários”. Os atributos considerados necessários para o trabalho de enfermagem, entre eles a abnegação, a paciência, a renúncia, a ilimitada capacidade de sacrifício, segundo discurso proferido pela professora Maria



Enfermeiras no lactário de Botucatu. *Anauê*, abr. 1937, p. 27.

Teres, as militantes da AIB possuíam: “[...] sois integralistas! Abraçastes uma doutrina que conduz à espiritualidade”, uma doutrina que conduz ao “amor”, “à ternura”.²⁸

²⁷ TERES, Maria Ribeiro dos Santos. As realizações integralistas: o Curso de Enfermagem da Guanabara. *A Offensiva*, 25 fev. 1937, p. 3.

²⁸ *Ibidem*.

Além dos serviços domiciliares, do atendimento aos pobres em ambulatórios e lactários, do acompanhamento às grávidas, as enfermeiras integralistas também deveriam prestar serviço nos atendimentos de primeiros socorros para os quais a AIB dispunha de uma estrutura consideravelmente ampla para o período. De acordo com as “Directivas Integralistas”, divulgadas em fevereiro de 1934, o “Serviço de Saúde” (SS), devendo se fazer presente nas Províncias brasileiras, disporia de ambulâncias para prestar os primeiros socorros aos pobres, contando, cada um desses veículos, com o auxílio de um médico e duas enfermeiras que também estariam à disposição em solenidades como paradas, revistas, desfiles etc.

A revista *Anauê*, de setembro de 1937, publicou a foto de uma das ambulâncias da AIB que atendia a população de Curitiba/PR e cuja legenda, “ambulância para socorro dos pobres”, indica os intentos de atrair a população mais carente por intermédio do assistencialismo.



Ambulância para socorro dos pobres, em Curitiba/PR. *Anauê*, set. 1937.

A Offensiva também veiculou fotos das ambulâncias do “Socorro-Verde”, como era chamado o serviço ambulatorial e médico da AIB. Uma notícia estampada na primeira página do exemplar n. 382, de 8 de janeiro de 1937, comunica que “foram oferecidos aos necessitados” mais dois “carros-socorro” da Assistência Social, “providos de todos os materiais necessários, médicos e enfermeiras”. Esses carros da “Cruz-Verde”, segundo o periódico, atenderiam “sem distinção de classe, cor, nacionalidade e ideias”, a todos os que precisassem, inclusive os comunistas considerados pela AIB “inimigos do *Sigma* e da Pátria”. Com atitude assumida na prestação desse serviço, a AIB

[...] vem provar mais uma vez que dentro dos corações integralistas não

existe o rancor e o preconceito, e sim um agasalho para todos os infelizes que necessitam de auxílio humanitário. É uma obra piedosa e digna de admiração.²⁹

O integralismo ainda buscou realizar, através das atividades femininas, uma campanha em defesa de uma vida saudável. A seção “Conselhos de Hygiene”, presente diariamente no jornal integralista *A Offensiva*, orientava as mulheres para que viessem a adotar em seus lares, com suas famílias, uma alimentação saudável, práticas esportivas, “banhos de sol”, etc. As orientações direcionadas à mulher deveriam ser compartilhadas, por recomendação do jornal, com as companheiras integralistas e não-integralistas, nos núcleos, nos clubes e onde mais estivesse a “blusa-verde” em contato com outras mulheres, com outras mães. A militante deveria cuidar do seu filho “pliniano” para que ele crescesse forte e saudável, dotado de um corpo que bem representasse o integralismo.

Para preparar as mães para o cuidado com os filhos, a partir do primeiro semestre de 1937, passou a funcionar, anexo ao Curso de Enfermagem, um curso preparatório, com duração de cinco meses, onde eram ministradas aulas de “puericultura e higiene pré-natal”. O curso vinha a suprir, segundo *A Offensiva*, uma carência na instrução das mães “em razão da displicência e da desídia que caracterizam o regime liberal, [pois] nenhum conhecimento se exige da mulher que vai ser mãe em nosso país”.³⁰ Era, contudo, desnecessário focalizar, segundo Maria Ribeiro Teres, diretora da Escola de Enfermagem da Guanabara no período,

[...] a relevância e o valor desses conhecimentos, pois as companheiras sabem que eles são indispensáveis a mulher mãe e educadora. Eles visam, precipuamente, preparar a mentalidade da mulher para ser mãe, combatendo a ignorância e a falta de desejo em aceitar teorias comprovadas e de grande utilidade no combate à mortalidade infantil. Feito esse curso anexo, as companheiras poderão prestar relevantes serviços à nossa causa, que é a causa do Brasil, através dos lactários, das escolas de alfabetização.³¹

Para Teres, era um absurdo que nenhum conhecimento fosse “exigido da mulher que vai ser mãe, que vai plasmar gerações, modelar caracteres”. Na “ignorância das mães” a autora deposita a culpa pela “hecatombe infantil” e ressalta que “no Estado Integral será ministrado à mulher um curso prévio de puericultura, cujo certificado será, certamente, exigido dentre os documentos necessários à habilitação ao casamento”. Contudo, enquanto não chegasse ao governo o integralismo, a orientação era para que a mulher buscasse seu próprio aprendizado nos cursos ofertados pela AIB ou externamente, fosse como enfermeira,

²⁹ *A Offensiva*, n. 382, 8 jan. 1937.

³⁰ TERES, Maria Ribeiro dos Santos. Curso Prático de Enfermagem da Guanabara. *A offensiva*, 17 mar. 1937, p. 3.

³¹ *Ibidem*.

professora e/ou mãe, mas sempre como colaboradora da causa integralista: “As integralistas devem, pois, desde já, adquirir espontaneamente esses ensinamentos que um dia todas as patricias deverão adquirir obrigatoriamente. Pelo bem do Brasil!”.³²

A mulher integralista, segundo os documentos analisados, aderiu à causa social do movimento, prestando-se as diversas atividades para as quais foi convocada. A escola de enfermagem, por exemplo, recebeu inúmeras inscrições e o curso tornou enfermeiras um grupo bastante significativo de mulheres militantes da AIB. Essa efetiva participação feminina no movimento se deveu às consideráveis estratégias de arregimentação de um público feminino:

Os discursos plinianos souberam captar os anseios e a esperança que a vida moderna introduzia e dimensionava [...] na sociedade brasileira. A AIB abriu novas oportunidades para muitas mulheres. Elas aderiram ao movimento para obter maiores visibilidade e oportunidades de participação, mesmo sendo esta disciplinada e mantendo-as nos papéis tradicionais que desempenhavam na família e na sociedade.³³

Contudo, é imprescindível considerar que na atividade feminina estavam incutidos valores e prescrições que ultrapassavam a preleção assistencialista. A frase “nem só de pão vive o homem. Uma palavra, um bom conselho e, sobretudo, o exemplo valem tanto!”, expressa como AIB compreendia a ação das mulheres nos seus quadros. Além de ajudar os necessitados, a militante deveria atuar na campanha de doutrinação, para a qual deveria se preparar estudando o “Manifesto-Programma” do movimento. Na atividade de doutrinação, a integralista deveria “trabalhar com boa vontade”, “evitando recusar seus serviços com pretextos fúteis ou adiando o cumprimento dos compromissos assumidos”, pois “é preciso que a companheira se lembre que o integralismo é um movimento de sacrifícios. Nada de comodismo, de indiferença”.³⁴

A AIB ainda aproveitou o ensejo do momento para empreender campanha eleitoral. O aproveitamento das energias femininas se deu, sobretudo, para a formação de uma massa votante, principalmente a partir da transformação do integralismo em partido político, deixando claro que realizava, no campo do assistencialismo, o que nenhum outro partido realizava:

Ao contrário de todos os outros partidos políticos, que não têm tempo de cuidar das necessidades do povo e dos interesses coletivos, o integralismo, fiel aos seus mais elevados e nobres intuítos de solidariedade cristã, continua

³² Ibidem.

³³ POSSAS, 2004, p. 275.

³⁴ CASTRO, Mariana Galvão de Queiroz Ribeiro de. 1º Congresso Feminino da 7ª Região. *A Offensiva*, 3 jan. 1937, p. 15.

abrindo escolas, instalando ambulatórios, organizando lactários e dispensários em todas as províncias. As suas obras de assistência social são hoje já notáveis pela eficiência demonstrada em todos os setores em que são exercidas. São escolas primárias, cursos de alfabetização de adultos, arrancando os brasileiros da ignorância; lactários para alimentar as crianças pobres e fazê-las fortes; ambulatórios para socorrer os doentes impossibilitados, por falta de recursos, de apelar para as clínicas médicas, é tudo isso em suma que caracteriza o integralismo como o único movimento do povo e para o povo, porque é o único que o ampara na sua pobreza, o que o cura nas suas enfermidades, o instrui, intelectual e moralmente, o dignifica e o eleva.³⁵

Em 24 de fevereiro de 1932, apesar da reivindicação pelo voto feminino não ser de todo consenso na sociedade da época, o direito ao voto foi concedido às brasileiras maiores de 21 anos e alfabetizadas. Logo, a AIB buscou, por meio de campanhas empreendidas com a colaboração da mulher, conquistar esse novo eleitorado. As mulheres integralistas buscaram arregimentar e doutrinar, também por intermédio das atividades assistencialistas desenvolvidas pelo Departamento Feminino, o novo eleitorado que a AIB objetivava formar, angariando novos militantes adeptos ao movimento.

Em 1937, através de uma de suas diretrizes enviadas a todas as Secretarias Provinciais, a SNAFP, após considerar “[...] de suma importância a cooperação feminina nos serviços de preparação e qualificação eleitoral, [convocou] a mulher brasileira e, principalmente a mulher integralista, que sabe querer e trabalhar até ao sacrifício para as grandes causas [...]”, a conseguir, por meio do Departamento Feminino, “[...] a glória de alistar dois terços, pelo menos, dos eleitores da AIB”.³⁶ A integralista foi convocada a atuar efetivamente não só no alistamento e alfabetização de outras militantes, como no alistamento e alfabetização dos homens integralistas, dos familiares, amigos e simpatizantes ao movimento.

Essas atividades desenvolvidas e estimuladas pela AIB e neste artigo descritas, dentre outras, possibilitaram à mulher o acesso a diferentes campos de atuação dentro e fora do movimento. Possivelmente, as militantes desejosas de mais liberdade, percebendo as concessões que o integralismo lhes abria e apropriando-se, de modo singular, do que lhes era imposto, aproveitaram para ampliar e firmar seus espaços na sociedade, utilizando as atividades assistencialistas para justificar o acesso mais amplo ao espaço público.

Conferir abertura às mulheres que estavam ganhando espaço no mercado de trabalho, a despeito da ameaça ao núcleo familiar,³⁷ parecia, pelo que tudo indica, ser uma tentativa de

³⁵ As obras de assistência social do Integralismo no ES. *A Offensiva*, 6 jun. 1937, p. 5.

³⁶ A Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina e dos Plinianos e a campanha eleitoral. *Acção*, 17 maio 1937.

³⁷ GOELLNER, 2002.

atrair não só as donas de casa, mas também as mulheres que queriam ou precisavam trabalhar, lutavam por seus direitos políticos e se identificavam com discursos imbuídos de argumentos antifeministas, anticomunistas e cristãos.

Provavelmente, as conquistas sociais alcançadas pelas mulheres naquele momento, como a obtenção de empregos antes restritos só aos homens e o direito ao voto, fizeram a AIB, assim como o restante da intelectualidade, adaptar seu discurso repressor de forma que atraísse a mulher.³⁸ As concessões no tocante aos comportamentos e papéis sociais representavam muito mais uma tentativa de atrair e arregimentar novos adeptos do que um esforço de reformulação idealística e doutrinária.

Considerações finais

Embora a AIB reforçasse os papéis descritos socialmente como femininos, a relação das “blusas-verdes” com o integralismo foi inovadora, pois possibilitou às mulheres, destacadamente as da classe média, novas práticas e representações que elas passaram a desenvolver também na esfera pública. Se por um lado o aproveitamento das energias femininas nas atividades assistencialistas se deu, sobretudo, para a “formação de uma massa eleitoral integralista”, por outro, as atividades assistencialistas desenvolvidas pelas “blusas-verdes” permitiu que as mulheres, ainda que contrariando os escritos dos integralistas mais conservadores, ocupassem um novo lugar para além do espaço doméstico.

Referências

- BERTOLLI FILHO, C. *História da saúde pública no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.
- BULHÕES, T. S. *Evidências esmagadoras de seus atos: fotografias e imprensa na construção da imagem pública da Ação Integralista Brasileira (1932 – 1937)*. 2007. 176 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro.
- GOELLNER, S. V. Bela, Feminina e Maternal – imagens da mulher na Revista Educação Physica. *Coleção Educação Física*. Ijuí: Ed. Ijuí, 2003.
- LINHARES, M. Y. (Org.). *História geral do Brasil*. 6. ed. Rio de Janeiro/RJ: Campos, 1990.
- POSSAS, L. M. V. Vozes Femininas na correspondência de Plínio Salgado (1932-38). In: GOMES, A. C. (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- SALGADO, P. A mulher no século XX. In: _____. *Obras completas*. São Paulo: Edit. das Américas, 1955. v. VIII. p. 221-311.

³⁸ BULHÕES, 2007.